

As pedagogias e os saberes que me (ou nos?) movem

Gabriel Brito Amorim
Núcleo de Línguas/UFES
Doutorando PPGE/UFES

Mais um fim de semestre se aproxima, a correria de sempre. Provas finais, notas no portal. Sucessos (aos olhos de uns) e fracassos (aos olhos de outros). Despedidas. Pouco tempo entre um semestre e outro para pensarmos, de fato, no que foi bom e no que não foi tão bom e, mais importante, onde devemos melhorar e como. Assim seguimos na profissão docente, atropelados, muitas vezes engolidos pelo tempo, pelos muitos fazeres da academia sem perceber que estamos no piloto automático.

Resolvi, então, parar e me perguntar (e ler e estudar) quais são as pedagogias e os saberes que me movem. Seriam essas também as mesmas/os mesmos que movem os colegas de profissão? Finalizando as minhas observações como professor-mentor de dez professores-instrutores este semestre, pude perceber que temos similaridades e que podemos e devemos juntos refletir sobre nossa prática docente. Compartilho aqui alguns apontamentos que recolhi de alguns teóricos e são um apenas um convite à reflexão. Tentarei contextualizá-los para o nosso entendimento.

O primeiro conceito que me chamou atenção foi o da *pedagogia do gerenciamento*, levantado por Henry Giroux. Esse conceito é trazido por Giroux (1997) para falar do fato de que, cada vez mais, os currículos das escolas estão sendo preparados de forma que os professores sejam meros executores e não seres pensantes e agentes dentro da sala de aula. Isso me levou a pensar: quantas vezes simplesmente pego/pegamos o nosso material didático/currículo e não penso/pensamos no que estou/estamos fazendo e apenas sigo/seguimos acriticamente o que o manual nos diz? Quantas vezes sou/somos mero(s) gestor/gestores do manual que a editora me/nos entrega? Quantas vezes ignoro/ignoramos o contexto social/cultural/econômico que me/nos cerca ao planejar(mos)/executar(mos) minhas/nossas aulas? Giroux conclui que a pedagogia do gerenciamento alimenta a introdução de pedagogias *inflexíveis* no que se refere ao cotidiano escolar.

Welikala (2011) apresenta também o conceito de *pedagogia da transferência*. Soa familiar? Welikala usa o termo no contexto da educação internacional, mas, ao ler seu texto eu (não sei se só eu mesmo) consegui enxergar várias pontes com o nosso contexto de ensino de línguas estrangeiras aqui no Brasil. Na explicação da teórica, a pedagogia da transferência

se dá quando utilizamos das mesmas técnicas e metodologias, por exemplo, da universidade anfitriã com o aluno-visitante de uma outra universidade que vem do outro lado do mundo, sem levar em consideração que aquele(a) aluno(a) pode trazer consigo outras bagagens (termo bem amplo). Assim, o(a) aluno(a) é rotulado(a) de obediente, passivo(a), sem autonomia, etc. Daí me pergunto: como estou/estamos encarando a diversidade (e precisamos problematizar esse conceito!) da minha/nossa sala de aula? E como estou/estamos incorporando a diversidade no meu/nosso planejamento, no micro e no macro? O quanto de espaço dou/damos ao/a meu/minha aluno(a) para contribuir com a sua bagagem?

Parece que quanto mais a gente busca conhecimento, mais questões surgem nessa profusão de ideias. Não sei vocês, mas eu acho isso fascinante. A arte de se (auto) questionar, criticamente, sem neuroses, num movimento dialético saudável e íntimo é enriquecedora, na minha opinião. Sim, não seja neurótico(a). Há respostas? Não sei. Mas há caminhos, com certeza.

A *pedagogia do reconhecimento* é um começo, eu penso. O termo é também de Welikala (2011) e, apesar de a autora apontar que a literatura ainda não apresentou grandes avanços práticos em mostrar como podemos traduzir isso em termos didáticos, a pedagogia do reconhecimento preconiza a negociação das diferenças. Saliento, porém, que para negociar diferenças é preciso reconhecê-las antes. É preciso sair da zona de conforto. É preciso entender, ouvir mais o/do outro. Para usar o termo da própria Welikala, em vez de me utilizar da pedagogia da transferência e simplesmente assumir que eu detenho todo o saber e estou apenas ali para transferir o que sei ou simplesmente o que o currículo (ou Top Notch!) me diz e da forma como o currículo me diz, por que não reconhecer, negociar com os possíveis muitos conhecimentos trazidos do/da meu/minha aluno(a)? Por que não podemos chegar a um ponto de encontro onde todos possam contribuir e construir o conhecimento juntos? Onde podemos chegar, juntos?

Isso me leva ao meu próximo ponto, *as pedagogias de encontro*. A proposta também é da pesquisadora Welikala (2011) que aposta em uma abordagem multi-perspectiva (nem sei se o termo realmente existe em português) para o currículo. De cara eu já me vi fisicamente pensando o meu planejamento micro e macro se distanciando do meu alunado. Quantas vezes nos vemos nessa situação? Quantas vezes sentimos que em vez de irmos *ao encontro de* estamos indo *de encontro aos* nossos alunos? Mas, como disse há pouco, para que haja encontro, tem que haver movimento. A autora dá algumas sugestões de práticas corriqueiras

que podemos adotar, tais como, a exposição de discentes e docentes a diferentes visões de mundo, a não categorização dos alunos, mudança de discurso em observância aos estereótipos, a criação de diferentes de lugares (a definição de lugar eu deixo por conta de vocês) de aprendizagem, entre outras. Mas o movimento é necessário!

Essas leituras recentes chacoalharam minhas (multi) perspectivas sobre a minha prática docente e sobre as pedagogias que me movem, mas me lembrei de uma leitura antiga, porém deveras atual e sempre indispensável. Freire (2002), em sua obra *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, elenca alguns dos muitos saberes que nós, educadores, devemos galgar em nossa carreira profissional e que *certamente* se encaixam com as pedagogias do reconhecimento e do encontro e *com certeza* passam longe das pedagogias do gerenciamento (GIROUX, 1997) e da transferência (WELIKALA, 2011).

Dentre os saberes que Freire (2002) lista no livro eu destaco a pesquisa, a reflexão crítica sobre a sua prática, a humildade, a generosidade, e o saber escutar. A prática educativa é algo muito complexo. Penso que todos os saberes são importantíssimos, mas creio que, durante a minha carreira docente, eu tentei focar nesses saberes. Há muito que caminhar, reconheço. Acredito que para percebermos que estamos no piloto automático e talvez atuando em uma pedagogia de gerenciamento e/ou pedagogia da transferência para então tomarmos atitude e nos abrir a uma pedagogia do reconhecimento e às pedagogias do encontro, precisamos de muita reflexão crítica sobre a nossa prática. E humildade, generosidade e escuta atenciosa e, por fim, a pesquisa. Eu só consigo desenvolver (pessoal e profissionalmente) quanto me (auto) avalio (criticamente). Eu só consigo perceber e aceitar a falha se sou humilde. Só consigo perceber uma oportunidade se escuto. Só consigo partilhar a oportunidade se sou generoso. Só consigo enriquecer o meu fazer docente com a pesquisa persistente. A pesquisa, meus caros, sabemos, que não vem somente dos computadores e nem dos livros, muitas vezes vem dos seres habitantes das carteiras da sala de aula, não é?

Tudo isso, todos esses saberes nos colocam em constante movimento. Eu, *Gabriel*, acredito que tudo isso nos leva ao encontro (do novo, do diverso, do diferente) ou, nas palavras de Welikala (2011), à *pedagogia do reconhecimento* e às *pedagogias do encontro*. Se você não está em movimento, meu caro/minha cara, é hora de chacoalhar as estruturas. Perdoem-me a escrita cheia de notas parentéticas, é a minha maneira dialética tosca de elucidar e incitar ideias. Mas, como disse, isso tudo é um convite à reflexão. Será que você está vivendo em

gerenciamento ou em transferência? Qual/quais é/são a(s) pedagogia(s) e o(s) saber(es) que te move(m)?

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 1996. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** 1997.

WELIKALA, Thushari. Rethinking international higher education curriculum: Mapping the research landscape. **Universitas**, v. 21, 2011.